

## Revolução Crespa<sup>1</sup>

Amanda Cristina Souza da SILVA<sup>2</sup>

Bianca Trajano BION<sup>3</sup>

Dario Brito Rocha JÚNIOR<sup>4</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Olhar-se no espelho todos os dias e não se sentir bem com o que vê refletido. É a partir desta constatação que muitas pessoas decidem abandonar processos químicos alisantes e enfrentar a transição capilar. Esse processo consiste na recuperação do formato natural dos fios e tem sido aderido, principalmente, por mulheres crespas e cacheadas. O blog Revolução Crespa mostra história de negros e negras que assumiram os cabelos e descobriram mais sobre a própria identidade, autoestima e cultura afro.

**PALAVRAS-CHAVE:** cabelo, crespo, empoderamento, identidade negra, transição capilar.

### 1 INTRODUÇÃO

A dificuldade em se ver como se é, de fato, foi e ainda é um dilema para pessoas negras. A vontade de se encaixar em um padrão estético aceito pela sociedade racista faz com que descendentes da etnia passem por uma tentativa de branqueamento e um dos efeitos desse processo é o alisamento (e muitas vezes clareamento) dos fios naturalmente crespos e encaracolados.

Ainda assim tem crescido, nos últimos anos, um movimento de resistência quanto ao embranquecimento dessas características étnicas, no qual o cabelo natural é visto como um ato político. De acordo com Gomes (2008, p. 28), “a expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade”.

Vendo a transição capilar cada vez mais comum entre pessoas que tinham o desejo de retornar às raízes capilares originais, percebemos a falta de voz desse grupo dentro dos meios de comunicação e acadêmicos, então decidimos abordar o assunto de maneira plural, entrevistando o máximo de fontes, de diferentes lugares, formações, idades, vivências e opiniões.

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria RT06, modalidade blog (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e recém-graduada do Curso de jornalismo, email: mandesouza@gmail.com.

<sup>3</sup> Recém-graduada do Curso de jornalismo, email: bionbianca@gmail.com.

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de jornalismo, email: dariobrito@gmail.com.

No blog *Revolução Crespa*, abordamos este fenômeno nos seus mais diferentes aspectos: o técnico, de como a transição capilar acontece e quais os malefícios de químicas que alteram o modelo do fio; a autoaceitação de negros e negras que resolveram assumir essas características e como esse ato influenciou suas vidas; a força política gerada pelas pessoas que participam desse movimento e seu reflexo na sociedade; as dificuldades que ainda são barreiras para quem decide passar pela transição, como o racismo; a influência da mídia tradicional no processo de branqueamento e como a internet tem sido essencial para essa ação; e como o mercado de cosméticos têm reagido a essa nova demanda de clientes em potencial.

Usamos também de todos os recursos multimídia para que o nosso trabalho fosse o mais completo possível. Assim, o site disponibiliza de áudios, vídeos, fotos, galerias, textos jornalísticos e depoimentos. Os entrevistados escolhidos para agregar aos textos do trabalho são reconhecidos dentro das suas respectivas áreas de atuação ou tiveram vivências que foram essenciais para a construção da narrativa apresentada no site.

O objetivo do blog é evidenciar a força e a dimensão desse movimento estético-social, mostrar como a aceitação, que começa pelos cabelos, afeta não só o físico, mas que causa uma transformação na vida das pessoas de forma individual (como na autoestima) e coletivamente (âmbito político).

## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Geral**

Levantar as causas que fazem com que a identidade negra se afirme através da transição capilar.

### **2.2 Específicos**

2.2.1. Mostrar que o cabelo afro é um ato político da cultura negra e de autoaceitação.

2.2.2. Apresentar como funciona o processo de transição capilar.

2.2.3. Provar que, apesar da influência midiática em termos de beleza, existe um grupo de resistência que se opõe à ditadura da moda.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Atualmente, há uma tendência de volta dos cabelos crespos e cacheados. Contrariando um padrão de beleza imposto pela mídia nas capas de revista, que preza pelos cabelos lisos, mulheres e homens estão optando por deixar os cabelos livres das químicas, assumindo um

visual mais natural. Essa ação está diretamente ligada à raiz negra, já que essa textura é característica de tal etnia.

O cabelo é uma importante parte da personalidade de uma pessoa, principalmente porque a sociedade tende a valorizar a estética. Pintá-los, cortá-los ou alisá-los de acordo com as próprias vontades é uma das maneiras de demarcar individualidade. Mesmo assim, o cabelo afro é marginalizado por sua textura e volume há muito tempo. Sendo assim:

Cabelo longo está associado à feminilidade, assim como cabelo “ruim” está associado à negritude. São construções sociais tão repetidas que a gente passa a ver essas associações como naturais. As atitudes racistas direcionadas ao cabelo crespo estão tão naturalizadas que as pessoas se sentem muito confortáveis em chamar um cabelo de “duro” ou “ruim”, para se referirem ao cabelo mais crespo, daqueles que não formam cachos. ([www.blogueirasnegras.org](http://www.blogueirasnegras.org)).

Muitas pessoas cansaram de buscar por um padrão estético inalcançável, porque não encaixa com o seu padrão físico, e estão buscando se assumir de várias formas, uma delas é deixar o cabelo natural.

O Brasil é um país extremamente preconceituoso, embora boa parte da sua população tenha traços étnicos derivados da afrodescendência. E esse movimento de aceitação pode estar diretamente ligado a um maior orgulho negro, em detrimento do embranquecimento que é pregado pela sociedade e que, por tanto tempo, os negros sentiram a necessidade de buscar alcançar. “A imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada como aquela que se contrapõe ao cabelo liso e que estaria em consonância com uma nova mentalidade do ser negro”. (Santos, 2000)

As considerações observadas e descritas neste trabalho podem amparar futuros projetos de pesquisa em vários âmbitos da comunicação, auxiliando e dando base para teses, pesquisas de campo e outros projetos científicos, como, por exemplo, trabalhos sobre grupos de resistência social e a sua importância.

Nosso projeto tem a intenção de mostrar o quanto o cabelo influencia na identidade pessoal e cultural de um ser humano, já que mexe diretamente com conflitos psicológicos de aceitação e identificação cultural. Sendo assim, ele pode ser usado para incrementar outros trabalhos e pesquisas acerca do movimento negro e sua força na atualidade. Ele pode ainda, auxiliar em projetos sobre o mercado capilar, influência da mídia sobre nossos padrões visuais, preconceito racial no Brasil e a estética negra.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Nosso trabalho foi desenvolvido a partir do método de base lógica fenomenológico, pois observa a influência da transição capilar na identidade negra a partir do cotidiano, do modo de viver das pessoas que fazem parte desse movimento, já que esse fenômeno foi percebido através de observação empírica, pois não há dados ou estudos que comprovem ou não a existência dessa tendência.

Os meios técnicos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram os métodos observacional e comparativo. Utilizamos a observação durante o processo de Big Chop, quando é tirada toda a parte química do cabelo. As reações observadas no experimento também serão levadas em consideração nesse estudo.

O método comparativo também foi utilizado, uma vez que estudamos, em profundidade, o movimento negro e sua conjuntura atual, o que se modificou para que tal tendência seja notada e aplicada. O projeto de pesquisa é de nível explicativo, já que explica as razões pelas quais a transição capilar tem uma ligação direta com o movimento negro, mais as variáveis que levaram isso a acontecer. Nós identificamos os fatores que contribuem para a ocorrência desse fenômeno social.

Nosso projeto é sustentado a partir do delineamento de bibliografias, que consistem em bases teóricas já elaboradas, que possam dar embasamento à pesquisa. Artigos, dissertações acadêmicas e outros textos que abordam as temáticas relacionadas ao movimento negro e feminista, relação entre o cabelo e a autoestima feminina, impacto da publicidade sobre a autoaceitação das pessoas, importância do cabelo para a formação de identidade pessoal e cultural, resgate das raízes afrodescendentes, entre outros assuntos relacionados.

O website é dividido em seis tópicos que são essenciais para o desenvolvimento da nossa pesquisa. São eles:

- Processo – Descrição da parte técnica da transição capilar. Detalha como acontece a mudança do cabelo quimicamente tratado para o natural e quais são os métodos de texturização utilizados, já que durante o procedimento a pessoa fica com duas texturas nos fios.
- Autoaceitação – Histórias de cinco negros e negras que tiveram suas vidas mudadas a partir da transição.

- Movimento político – Como a aceitação do cabelo faz com que o movimento negro se fortaleça perante a sociedade e como este ato político é importante para a formação de crianças e valorização da cultura.
- Racismo – Mostra como o racismo ainda atinge fortemente a comunidade negra, por meio de depoimentos de pessoas que já passaram por tal situação e as ações da Prefeitura do Recife e do Estado de Pernambuco para combater o crime.
- Mídia – Delata o comportamento da mídia tradicional, umas das maiores veiculadoras do padrão estético, e também a resistência contra os padrões impostos advinda da internet, por meio de grupos, comunidades e páginas de incentivo ao natural nas redes sociais.
- Mercado – Atitude das empresas de cosméticos, que têm lançado cada vez mais produtos voltados para o público crespo e cacheado, ante o fenômeno da transição capilar, visando atender às demandas de consumidores que, até então, não encontravam produtos específicos para o tipo de cabelo deles.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Todos os dias somos bombardeados por propagandas e anúncios publicitários que querem nos vender um padrão de beleza criado pelas grandes indústrias de cosméticos. Isso inclui ter um corpo atlético, pele e olhos de cor clara e cabelos lisos e loiros. A influência leva milhares de pessoas a alterarem suas aparências físicas a ponto de negarem, ainda que inconscientemente, as raízes étnicas de seus antepassados. Até onde vale a pena ir para conseguir alcançar a beleza vendida das capas de revista?

A busca por um padrão estético europeu faz com que vários brasileiros recorram até a métodos cirúrgicos, como plásticas faciais, para se encaixarem ou se verem representados nos veículos de comunicação e aceitos pela sociedade, que cultua essas características. Outro tipo de modificação identitária é o alisamento do cabelo, muito comumente utilizado por mulheres brasileiras, em sua maioria. Por que pessoas com diversas influências raciais precisam se adequar ao padrão de beleza da Europa, onde as características físicas são diferentes das brasileiras?

Em um país miscigenado, com mistura de africanos, europeus e índios, não é errado dizer que passar por tal transformação pode ser desgastante, pois envolve questões não só físicas, mas também psicológicas, pois há um conflito de identidade. Ou seja, buscar por uma beleza ideal não seria, também, negar quem você é? Onde fica a aceitação de quem não se enxerga como é, fisicamente e culturalmente falando?

O cabelo brasileiro é uma mistura de três etnias: oriental, afro e caucasiana. Mas a população insiste em negar as próprias raízes. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2013, apenas 8,01% dos cidadãos (o equivalente a 16,3 milhões de pessoas) se autodeclararam pretos. Apesar do número pequeno, houve um aumento em comparação com os dados de 2012, quando 7,9% das pessoas se declararam desta cor. Por que ainda existe tanto preconceito num país prioritariamente negro?

Apesar de toda essa pressão, o espaço que as mulheres têm ganhado na sociedade faz com que parte delas questione essa ditadura da beleza e procure quebrar os padrões estéticos impostos. O que as fez tentar ir contra esse movimento tão enraizado em nossa cultura? Muitas delas são adeptas do movimento feminista, que defende o naturalismo do ser humano como uma afirmação não só pessoal, mas também política. Sem depilação, sem processos químicos danosos ou procedimentos invasivos e irreversíveis, apenas a mulher e o homem como são. Um dos símbolos da resistência ao padrão de beleza imposto são os cabelos cacheados e crespos, que representam a etnia negra, com elementos presentes na maior parte da população brasileira. De onde surgiu essa necessidade de se assumir natural?

Os cabelos crespos e cacheados são alvos de preconceitos há muito tempo. Os chamados “cabelos ruins” em detrimento do estilo liso, propagado pela indústria da comunicação, são renegados pelos donos, que recorrem a métodos de alisamento químicos. Segundo uma pesquisa realizada pela empresa L’oréal em 2013, 63% das brasileiras gostariam de ter cabelos lisos e 42% delas já alisam. Por que ainda existe essa recusa dos fios encaracolados?

Ainda assim, atualmente é possível notar uma tendência de valorização dos cabelos naturais. Muitas mulheres e homens estão abandonando os tratamentos químicos de alisamento para assumir a forma natural dos fios. Para isso, eles têm que passar por um processo de transição capilar, que consiste em deixar de usar esses produtos e deixar o cabelo crescer naturalmente. A mudança pode ser feita de duas maneiras: através do Big Chop, corte que elimina toda a parte quimicamente tratada, ou aparando as pontas constantemente. O que leva uma pessoa a querer voltar a ter o cabelo natural? Seria também uma busca por identidade e aceitação?

Esse movimento tem mexido não só com as pessoas individualmente, mas criado uma verdadeira revolução dos cabelos cacheados. Páginas e grupos em redes sociais estão surgindo a cada dia, com o intuito de discutir não só como cuidar das madeixas, mas

também para pensar e debater acerca de outros assuntos que fazem parte do dia a dia de um negro que mora no Brasil, além de ser também uma forma de resistência e de representação da cultura. Como as redes sociais têm ajudado pessoas a se engajar nesse movimento?

A página do Facebook “Faça amor, não faça chapinha” pertence a quatro recifenses que ajudaram a divulgar a transição na cidade. Hoje, a página conta com 151.551 curtidas, e o grupo para conversação tem 14.621 participantes de todas as partes do Brasil. Como negar que a transição capilar e a identidade negra vêm ganhando força dentro desses meios de interação social? O que tem motivado cada vez mais pessoas a se juntarem em prol de uma causa?

Até mesmo as grandes empresas de cosméticos capilares já perceberam a movimentação e procuraram lançar produtos que atendessem a esse público, que até então, não tinha muitas opções de xampu, condicionador e produtos disponíveis no mercado para o seu tipo de cabelo. Um exemplo é a Tresemmé, que lançou uma linha específica para cabelos crespos ano passado. Por que, até então, os produtos para cabelos crespos e cacheados não tinham destaque nas prateleiras dos supermercados e lojas de beleza?

Mais do que apenas uma mudança de estilo, o retorno do cabelo encaracolado significa uma elevação na autoestima e no orgulho das mulheres e dos homens negros, assumindo suas raízes étnicas como forma de afirmar uma identidade cultural que, por tanto tempo, tem sido forçada a se esconder no Brasil. Paradoxalmente, já que tem a segunda maior comunidade negra no mundo, fora a Nigéria (ou seja, a maior fora da África). Lentamente, essa tendência representa uma reação de parte da sociedade que pode mudar os velhos preconceitos arraigados na cultura. Seria então a transição capilar uma forma de reconhecimento dos traços culturais negros e de autoaceitação?

Analisando todos essas informações e dados colhidos, produzimos no nosso projeto de conclusão de curso de jornalismo, o website Revolução Crespa. Usamos a pergunta “Como a identidade negra se afirma através da transição capilar?” como base para delinear toda a nossa pesquisa acadêmica e de campo.

No blog, pode-se escolher qual tema, entre os seis abordados, será primeiramente investigado a partir da necessidade do leitor. Apesar de ter uma ordem pré-selecionada para o melhor entendimento do público, o conteúdo é compreendido da mesma forma caso a ordenação dos textos seja aleatória.

Sendo assim, a proposta do trabalho é que o navegador possa aproveitar todos os recursos que um projeto multimídia oferece. Fotos, galerias, áudios e vídeos auxiliam e trazem novas referências aos textos que dão forma ao site.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A ideia do projeto nasceu da experiência pessoal de uma das autoras e de observação do aumento no número de pessoas com cabelo cacheado nas ruas. De início, constatamos que existem poucos artigos científicos sobre este movimento contrário à moda, até então predominante, do alisamento e de como isso está ligado à identidade negra. Decidimos estudar o viés político, econômico e social na ação, deixando claro que a mudança estética atrelada à reafirmação do ser negro é uma decisão que parte do indivíduo.

Um dos nossos objetivos atingidos foi mostrar que o preconceito presente na sociedade, mais especificamente o racismo, influencia na relação dos negros com o próprio corpo, gerando uma negação de características próprias. Outro ponto desenvolvido no trabalho é o ato de assumir o cabelo como forma de resistência e também representação de uma mudança na sociedade. Para compor o trabalho, nós tivemos que procurar pessoas envolvidas no movimento negro, profissionais e pesquisadores de várias áreas, como beleza, pedagogia, sociologia, comunicação, serviço social, psicologia, entre outros.

A pesquisa do TCC começou em julho de 2015, quando fomos ao evento Encrespa Geral em Olinda. Na época, a intenção era apenas conversar com participantes para ver como eles se sentiam em relação ao cabelo. Percebemos que o conceito de transição capilar é muito comum, principalmente entre as mulheres, e a importância do processo ia além do cabelo. Apesar de não serem adeptos da química, os homens também enfrentavam um processo de transição, deixando os fios crescerem. Para conhecer a comunidade negra do Estado engajada politicamente, decidimos ir a outros eventos que ocorriam no Recife e na Região Metropolitana (principalmente Olinda e Jaboatão dos Guararapes). Trouxemos dados, exemplos de ações de combate ao preconceito, depoimentos de uma advogada e de outras pessoas que passaram pela mesma situação para ampliar a discussão.

Durante a produção das matérias de autoaceitação, procuramos psicólogos para falar sobre autoestima. Após realizar várias entrevistas, constatamos que há despreparo de muitos profissionais da área para falar sobre o racismo. Muitos alegaram que se afirmar como negro e lutar por direitos por meio dos movimentos sociais é uma forma de segregar a

sociedade. Enquanto isso, todos falam de questões como gordofobia e ditadura da magreza, mas não reconhecem que o negro sofre imposições também.

Ao concluir cada tema abordado no website, percebemos que nossos objetivos iniciais foram alcançados. A representatividade é necessária para a valorização de culturas que são deixadas de lado por uma sociedade que exalta a supremacia branca em detrimento das outras etnias, como a negra. É preciso que a libertação dessas características étnicas sejam cada vez mais debatidas e viabilizadas. É esse o papel do Revolução Crespa: propagar cada vez mais esse movimento que têm libertado pessoas e desconstruir preconceitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Brasil. Brasileiros que se declaram negros somam 8,1% da população, aponta Pnad. **Correio do Povo**. Disponível em: <<http://www2.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=536004>> Acesso em 17 de maio de 2015.

Bueno, M. Cabelos lisos é o desejo de 63% das brasileiras. **Bolsa de Mulher**. Disponível em: <<http://www.bolsademulher.com/cabelos/cabelos-lisos-e-o-desejo-de-63-das-brasileiras>> Acesso em 17 de maio de 2015.

Goldenberg, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. Desenvolvido pela doutora em Antropologia Social; Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a06>> Acesso em 15 de maio de 2015.

Gomes, N. L. Sem perder a raiz – Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

Reis, A. C. Mas e agora, o que há de errado com o meu cabelo? **Blogueiras Negras**. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/12/26/mas-e-agora-o-que-ha-de-errado-com-meu-cabelo/>> Acesso em 17 de maio de 2015.

Santos, J. T. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. 2011. **Centro de estudos afro-asiáticos**. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3034/1/Estudos%20Afro-Asi%C3%A1ticos%20-%20Im....pdf>> Acesso em 15 de maio de 2015.

Silva, A. O uso do cabelo natural como ato político. **Blogueiras Negras**. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/11/21/o-uso-do-cabelo-natural-como-ato-politico/>> Acesso em 17 de maio de 2015.

Silva, H. V. O padrão de beleza imposto pela mídia. **Observatório da imprensa**. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/\\_ed794\\_o\\_padrao\\_de\\_beleza\\_imposto\\_pela\\_midia/](http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed794_o_padrao_de_beleza_imposto_pela_midia/)> Acesso em 17 de maio de 2015.

Vieira, L. A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo sobre nossos cabelos. **Blogueiras Negras**. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/09/24/a-dor-do-racismo-sobre-nossos-cabelos/>> Acesso em 17 de maio de 2015.